

ESTAÇÕES FINANCEIRAS COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA NO ENSINO DA MATEMÁTICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Danieli Rhoden ¹
Raíssa Goulart Pinto Krindges ²
Alexandre José Krul ³
Marília Boessio Tex De Vasconcellos ⁴

RESUMO

Este trabalho é um relato de experiência sobre o planejamento e o desenvolvimento de uma intervenção pedagógica, utilizando a matemática para a promoção da educação financeira em uma turma de alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. Esta atividade foi elaborada e desenvolvida no componente curricular de Prática de Ensino em Matemática II, do curso de Licenciatura em Matemática, do IFFarroupilha - *Campus Santa Rosa/RS*, atendendo a necessidade da curricularização da extensão, sendo que a intervenção foi realizada em uma escola da rede municipal do mesmo município. A temática da oficina simulou situações financeiras reais de consumo vividas pelos jovens, como compras à vista e a prazo, planejamento de viagens coletivas e gestão de recursos financeiros. O estudo volta-se à matemática financeira, especificamente aos tópicos de porcentagem, acréscimos, descontos e juros simples, conteúdo orientado pela Base Comum Curricular (BNCC). O objetivo principal foi ampliar a compreensão da matemática financeira a fim de tomar decisões conscientes e reconhecer a importância da educação financeira. Para isso, a oficina foi organizada nos seguintes momentos: retomada de alguns conceitos para o desenvolvimento da prática, interação e exploração do conteúdo por meio de uma dinâmica estruturada em estações financeiras, nas quais os alunos enfrentaram vários desafios com armadilhas financeiras, exigindo o uso de diferentes estratégias na tomada de decisões, e uma conversa reflexiva sobre os cenários da oficina juntamente com uma pesquisa de opinião sobre as percepções dos alunos após a prática. A experiência se justifica pela comparação do planejamento, desenvolvimento da aula e da reflexão crítica subsequente, com o propósito de encontrar formas de aprimorar o desempenho no processo de ensino e de aprendizagem. Esta atividade permitiu desenvolver competências docentes envolvendo planejamento, dinamização e comunicação, bem como saber adaptar e gerenciar o tempo.

Palavras-chave: Formação inicial de professores, Prática de ensino, Educação financeira.

INTRODUÇÃO

O ensino da matemática financeira é indispensável para formar cidadãos autônomos e capazes de gerir criticamente questões de crédito e endividamento. Segundo Begosso e

¹Licenciando pelo Curso de Matemática da Universidade Federal IFFarroupilha, danieli.2021011538@aluno.iffar.edu.br;

² Licenciando pelo Curso de Matemática da Universidade Federal IFFarroupilha, raissagoulart617@gmail.com;

³ Professor do IFFar - Campus Santa Rosa/RS, Doutor em Educação nas Ciências na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - Unijuí, alexandre.krul@iffarroupilha.edu.br;

⁴ Professora do IFFar - Campus Santa Rosa/RS, Mestra em Modelagem Matemática na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - Unijuí, marilia.vasconcellos@iffarroupilha.edu.br;



Figueiredo (2020), ao integrar este tema na escola preparam o indivíduo para lidar com as complexidades da sociedade moderna e evitar o endividamento. Alinhada a esta visão, esta oficina utiliza a simulação de cenários cotidianos para despertar nos adolescentes uma consciência crítica sobre o consumo e investimentos.

O relato de experiência fundamenta-se na reflexão sobre o planejamento e a prática docente. Portanto, para Daltro e De Faria (2019), ele transcende mera descrição ao estabelecer uma narrativa científica legítima, essencial em áreas onde a intervenção e análise crítica produzem conhecimento. Essa prática favorece a autoavaliação do professor, evidenciando pontos a serem aperfeiçoados em intervenções futuras.

A temática proposta busca desenvolver a educação financeira em situações cotidianas para sensibilizar adolescentes em tomadas de decisões financeiramente mais conscientes. O objetivo geral foi promover a compreensão dos conceitos fundamentais da matemática financeira por meio de uma experiência prática, investigativa e colaborativa, capacitando estes alunos à tomada de decisões mais conscientes sobre o uso do dinheiro e a percepção da importância da educação financeira para sua vida pessoal e social.

Como objetivos específicos foram definidos: a) Explorar e aplicar conceitos de juros simples, porcentagem, descontos, acréscimos, custo e lucro em situações práticas; b) Desenvolver habilidades de cálculo e interpretação matemática utilizando estratégias individuais e coletivas para a resolução de problemas; c) Estimular o raciocínio crítico e a tomada de decisão, relacionando a matemática com escolhas financeiras do cotidiano; d) Refletir sobre a responsabilidade financeira, reconhecendo a importância de aprender a lidar com o dinheiro de forma consciente e ética.

A experiência se justifica como importante instrumento de reflexão sobre a prática docente, indo além de uma simples descrição da aula. Ela se baseia na comparação entre o planejamento inicial da aula, seu desenvolvimento efetivo e sua posterior análise crítica, sendo essencial para identificar falhas e acertos. Além de melhorar o ensino e aprendizagem, esse processo desenvolve competências como a observação, avaliação da dinâmica de grupo, habilidade de improviso, mediação da turma e gestão do tempo em sala de aula.

O relato estrutura-se em três seções principais: metodologia, referencial teórico e resultados e discussões. A primeira contextualiza a importância da educação financeira e detalha a metodologia de intervenção, a segunda trata das bases conceituais que orientaram a realização da atividade e a terceira discute os resultados, com foco na reflexão sobre a prática docente e as aprendizagens dos alunos.



METODOLOGIA

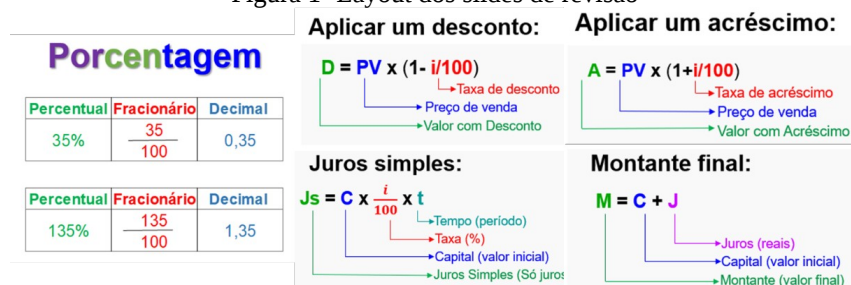
Esta proposta consiste na análise de experiências docentes que ocorreram por meio de uma oficina de extensão desenvolvida com uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental de uma Escola Municipal de Ensino Fundamental, localizada na cidade de Santa Rosa/RS. A atividade integrou a proposta de ensino do componente curricular Prática de Ensino de Matemática II (PeCC II), do curso de Licenciatura em Matemática do Instituto Federal Farroupilha (IFFarroupilha), *Campus* Santa Rosa. Teve como objetivo geral promover uma reflexão sobre as práticas de ensino e de aprendizagem sobre a temática da matemática financeira com ênfase em educação financeira.

Antes de planejarmos a oficina de extensão, tivemos que compreender a realidade social da escola e dos alunos onde as atividades práticas seriam realizadas, reconhecendo também o papel social da educação escolar nesse contexto. Ao longo do processo, elaboramos um diário de bordo com escritas narrativas sobre nossas aprendizagens em aula e produzimos um roteiro de oficina, voltado à educação financeira para o Ensino Fundamental.

A oficina teve por intuito a construção de cenários em que foram propostas simulações de situações financeiras comuns à faixa etária de adolescentes do 9º ano, envolvendo oportunidades de ganho ou perda financeira. A intervenção foi organizada para ocorrer em três momentos: introdução do conteúdo, desenvolvimento das atividades e fechamento.

O primeiro momento iniciou com a apresentação do objetivo do encontro, seguido de um diálogo sobre a presença da educação financeira no dia a dia dos alunos. Na sequência, foram retomados os conteúdos de juros simples, descontos e acréscimos, conforme a Figura 1:

Figura 1- Layout dos slides de revisão



Fonte: Criado pelos autores (2025).

A Figura 1 ilustra o uso de recursos visuais e coloridos para facilitar associações matemáticas. O segundo momento foi dedicado ao desenvolvimento da oficina organizada no formato de estações financeiras, com a rotação entre seis funções: leitor (acesso ao



enunciado), calculadores I, II, III e IV (calcular e avaliar as opções ofertadas) e o conferente (registro das respostas). Os licenciandos atuaram como “banco” e orientadores dos grupos.

A dinâmica iniciou com a apresentação do cenário das estações e a entrega de contratos simbólicos com as regras da atividade. O documento previa penalidades financeiras pelo descumprimento de instruções e leitura negligente. Foram enfatizadas as regras da oficina sobre a rotatividade das funções, sistema de pontuação baseado em ganhos ou perdas de dinheiro fictício, sendo vencedor o grupo com o maior montante após cinco rodadas.

Posteriormente, cada grupo recebeu um envelope com um salário mínimo em dinheiro fictício para iniciar as atividades. A Figura 2 apresenta os materiais utilizados, incluindo o controle do banco, questionário avaliativo, planilha de etapas da oficina, contratos e atividades impressas para cada uma das estações:

Figura 2- Layout do material utilizado na oficina



Fonte: criado pelos autores (2025).

As estações abordaram situações práticas: as três primeiras focaram na análise crítica de anúncios para compra de fones de ouvido, smartphones e pacotes de turismo. Evidenciando compras à vista, a prazo e com entradas, além de conceitos de juros simples e “armadilhas financeiras” em letras miúdas. A quarta estação trabalhou estratégias de arrecadação financeira para a viagem da turma, enquanto a quinta propôs a tomada de decisão coletiva das sobras financeiras, estimulando a responsabilidade financeira e tomada de decisão em equipe. O material visual dessas etapas é detalhado pela Figura 3:

Figura 03- Layout dos anúncios

<p>1ª Estação - CALCULADOR I: Descubra qual o preço final? Aqui você pode pagar à vista no pix, cartão ou no dinheiro.</p> 	<p>2ª Estação - CALCULADOR I: Qual o preço do smartphone a prazo?</p> 	<p>3ª Estação - CALCULADOR II: Descubra o valor individual por aluno.</p> 
<p>5ª Estação - Calculador III: A turma se comove com a situação do orfanato local que abriga 40 crianças. O orfanato precisa urgentemente de mochilas escolares para o próximo ano letivo. Cada mochila custa 50 reais. A turma decide usar 60% do valor excedente para ajudar no projeto social. A turma comprou as mochilas pela internet e na hora de concluir a compra observou que deveria pagar um frete no valor de 60 reais. Depois da doação, quanto sobrou para ser dividido entre os 23 integrantes da turma?</p>		<p>4ª Estação - Calculador III: A turma organiza uma rifa e conseguiu 19 prêmios e m doações. Porém o prêmio principal foi comprado pela turma por R\$ 500,00. Foram impressos bquinho com 1200 números a 10,00 reais cada. Porém a turma conseguiu vender apenas 75% dos números. Qual foi o lucro final?</p>

Fonte: criado pelos autores (2025).



A etapa final inclui um questionário para avaliar a opinião dos alunos sobre a oficina. Em sequência, houve a premiação dos alunos com destaque para a equipe vencedora, seguido de uma conversa reflexiva sobre a educação financeira nas situações simuladas.

REFERENCIAL TEÓRICO

A Base Comum Nacional Curricular (BNCC) foi utilizada para elucidar o planejamento da oficina, de modo que, a BNCC (Brasil, 2018, p. 317) descreve: “Porcentagens: problemas que envolvem cálculo de percentuais sucessivos”. Em sequência, o planejamento contemplou da BNCC (Brasil, 2018) a habilidade 05 que está composta dentro do objetivo do conhecimento citado logo acima que menciona educação financeira: “Resolver e elaborar problemas que envolvam porcentagens, com a ideia de aplicação de percentuais sucessivos e a determinação das taxas percentuais, preferencialmente com o uso de tecnologias digitais, no contexto da educação financeira” (Brasil, 2018, p. 317).

Para colocar essas orientações em prática, o planejamento buscou o apoio das metodologias ativas à dinâmica de rotação por estações. Segundo Guimarães (2023), essa estratégia promove um ambiente dinâmico e engajador, respeitando múltiplos estilos de aprendizagem. Contudo, exige organização minuciosa no controle do tempo e o monitoramento simultâneo dos grupos em movimento. Como grupo, observamos que o desafio reside em equilibrar a autonomia dos alunos com a mediação docente necessária para troca de estações.

Neste contexto, Ferreira (2020) destaca que a rotação por estações divide a turma em grupos que se revezam em um circuito de atividades, tornando o aluno protagonista de seu aprendizado. O sucesso dessa técnica depende de um roteiro bem definido, que permita a coordenação do tempo e a fluidez do aprendizado prático e independente. Assim, a clareza nas instruções é o que garante que a movimentação em sala de aula não comprometa o foco pedagógico.

Conectando teoria à prática, Marques et al (2021) afirmam que o uso de metodologias ativas no processo de ensino-aprendizagem coloca o estudante como protagonista do processo de ensino, rompendo com o modelo tradicional de transmissão passiva de conteúdos, ao utilizar simulações e dinâmicas competitivas para criar um ambiente motivador. Sob esta ótica, a oficina foi estruturada como uma competição, onde o saldo final dos grupos, determinado por acertos e decisões estratégicas, definiu a equipe vencedora.



A utilização de jogos e atividades com informações reais contribui para o engajamento significativo dos estudantes, o que, segundo Gadotti e Baier (2017), facilita a compreensão da necessidade de monitorar gastos, praticar o consumo consciente e cuidar das finanças do lar. Portanto, a transposição do conteúdo para um cenário de desafios práticos validou a abordagem ativa, transformando o aprendizado em uma experiência envolvente que fomenta a autonomia e o pensamento crítico do estudante.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para expor os principais momentos da oficina, será tomado como base o relato de experiência dos licenciandos envolvidos em sua prática, este relacionado ao ponto de vista de autores da área. À escrita narrativa dos licenciandos foram colocadas em destaque tipográfico itálico e entre aspas.

A integração da matemática financeira a contextos dinâmicos potencializa o ensino e a formação crítica. Segundo Silva e Reinheimer (2019), o uso de desafios concretos no Ensino Fundamental estimula a reflexão sobre o planejamento de recursos e a cooperação, transcendendo os cálculos de juros e porcentagem para promover decisões financeiras fundamentadas e coletivas.

Na prática, o formato de estações financeiras mostrou-se uma estratégia motivadora, garantindo o engajamento inclusive de alunos com dificuldades. Ao serem desafiados a calcular e a tomar a melhor decisão financeira, a rotatividade das funções foi essencial para evitar a centralização das tarefas, permitindo que todos experimentassem a gestão financeira. Durante o terceiro desafio, que compôs quatro orçamentos para a viagem da turma, a necessidade de flexibilizar as regras permitiu intervenções mediadoras dos licenciandos, que identificaram pontos de insegurança e desorganização nos cálculos dos alunos, mesmo quando estes estavam corretos.

Outro fato marcante ocorreu ao final da oficina, quando os alunos descobriram a obrigatoriedade de pagar uma taxa de quinhentos reais por não lerem atentamente as cláusulas do contrato antes de assiná-lo. Dos quatro grupos, apenas um realizou a leitura, porém não fez a ressalva necessária antes da assinatura. A surpresa e o arrependimento coletivos serviram como um gancho pedagógico valioso, reforçando a importância da atenção e do rigor na gestão financeira, especialmente no que diz respeito a compromissos contratuais.

A primeira estação tratava da compra à vista de um fone de ouvido, e de forma unânime, todos os grupos realizaram os cálculos de descontos e acréscimos corretamente. No



entanto, um dos quatro grupos não observou a descrição contida no anúncio que induzia ao erro. Na segunda estação, que tratava sobre a compra a prazo de um *smartphone*, todos os grupos acertaram os cálculos e observaram as descrições tidas nos anúncios.

A terceira estação solicitou que os alunos escolhessem o anúncio e orçamento mais vantajoso para a viagem da turma. Dos quatro grupos, dois acertaram e dois erraram parte dos cálculos. Os grupos que acertaram demonstraram melhor organização na junção de várias informações quando comparados aos grupos com maior percentual de erro.

A quarta estação propôs a organização financeira para uma viagem coletiva, desafio que exigia o gerenciamento de um volume maior de informações. Nenhum grupo atingiu a totalidade dos acertos, confirmando que as equipes mais organizadas obtiveram melhor desempenho. A análise dos exercícios revelou que a maior dificuldade dos alunos não residia nos cálculos matemáticos, mas na falta de atenção à leitura e na organização dos dados. Conclui-se que, em intervenções futuras, é necessário priorizar o desenvolvimento de estratégias para a estruturação de problemas com muitas informações, independente do conteúdo abordado.

A gestão do tempo foi o principal desafio na intervenção. Conforme relato do grupo: Com esta oficina, percebemos que, segundo relato entre o grupo: *“o tempo foi nosso maior desafio, pois era bem curto e mesmo que o planejamento já previa a adição ou retirada de atividades conforme o decorrer da oficina, mesmo assim foi preciso retirar o último desafio.”* Essa narrativa evidência que o tempo de execução pode divergir do planejado. Embora o grupo tenha demonstrado flexibilidade, a limitação temporal ressaltou a dificuldade de equilibrar a profundidade do conteúdo com a dinâmica prática da oficina.

Para Xavier (2013), a gestão do tempo é um dos pilares das decisões pedagógicas, pois organiza o fluxo do ensino e impacta diretamente a qualidade da aprendizagem. Essa perspectiva reforça que o planejamento deve ser apenas um ponto de partida e não um conjunto de regras rígidas. Assim, a capacidade de adaptação do professor é essencial para ajustar o ritmo das tarefas e garantir que os objetivos didáticos sejam alcançados diante de imprevistos.

A carreira docente carece de constante reflexão sobre o processo de ensino e aprendizagem. De modo que, para Born, Moriconi e Louzano (2021), uma formação de alto nível exige um repertório que prepare o futuro professor para atuar de forma engajada e eficaz em sala de aula, superando o modelo de simples transmissão do conhecimento, de modo que as práticas são o centro desse engajamento. Nesta direção, o grupo de licenciandos relata que *a experiência docente foi enriquecedora por proporcionar a oportunidade de desenvolver*



todas as boas ideias discutidas em sala de aula, bem como no desafio de implementá-las, além de constatar o brilho nos olhos e a satisfação dos alunos ao ensinar, uma experiência extraordinária! Ser professor requer paixão e compromisso e foi muito gratificante passar conhecimentos para eles. Nota-se relatos que apesar de distintos entre si, evidenciam de forma comum o quanto é satisfatório desenvolver um determinado conteúdo e perceber que os alunos estão apreciando e compreendendo a proposta pedagógica. Portanto, percebe-se que o desenvolvimento da oficina pode proporcionar uma experiência, que apesar de breve, pode ampliar as compreensões e as reflexões sobre o sistema educacional.

Ao final da oficina, foi realizado um diálogo reflexivo com os alunos sobre oportunidades, riscos e armadilhas financeiras incluídos em cada estação e como isso se aplicaria a vida social dos adolescentes e familiares. A turma surpreendeu em relação à expectativa inicial, pela espontaneidade em verbalizar suas respostas sem a necessidade de incentivos. Os mesmos demonstraram atitudes responsáveis em como cuidar das finanças. Entre as respostas mais interessantes surgiram *“agora vou prestar mais atenção antes de comprar”, “vou guardar o dinheiro na poupança”, “investir na bolsa de valores”, “devo cuidar o valor e a forma de pagamento de um produto quando estiver em promoção”, “ler um contrato muito bem antes de assinar”, “vou investir em criptomoedas”*. Poucos foram as respostas que remetem a gastos, inclusive na própria oficina nenhum grupo quis comprar de forma fictícia as ajudas oferecidas. O resultado foi muito positivo, e o grupo se surpreendeu com a responsabilidade e resistência dos alunos a gastos e compras.

Alinhar metodologia e efetividade no ensino é um desafio que exige constante autoavaliação docente. Nesse processo, o retorno dos alunos é fundamental para identificar quais estratégias funcionam. Para De Paiva, Pereira e Borsagli (2021), o feedback atua como um termômetro do processo de ensino e permite que tanto o professor quanto o aluno reconheçam dificuldades presentes no processo de ensino e adotem ações que tornem o ensino mais eficaz e a aprendizagem verdadeiramente significativa.

Com o intuito de obter o feedback dos estudantes e fomentar a reflexão sobre a prática docente, aplicou-se, ao final da oficina, um questionário composto por cinco questões de múltipla escolha, cada uma contendo quatro alternativas. Na primeira questão, foi perguntado aos alunos sobre a metodologia utilizada nas atividades de matemática financeira, e 75% responderam que a aula ajudou no entendimento do conteúdo, 20% acharam um pouco difícil e 5% relataram que não acharam relevante a aula. Na segunda questão, os alunos expressaram suas avaliações sobre a explicação do conteúdo, sendo que então 85% responderam que a



explicação foi clara e com paciência, 10% reportam que ajudou, mas poderia ter sido explicado de forma mais simples e 5% responderam que ficaram com algumas dúvidas.

A terceira questão teve como questionamento sobre a contribuição dos licenciandos para o aprendizado dos alunos na disciplina de matemática financeira. Assim, 85% responderam que a aula tornou o conteúdo mais fácil e interessante, 10% disseram que os licenciando deram bons exemplos práticos e 5% reportaram que a aula ficou mais dinâmica. Já a quarta questão interrogou se a aula corroborou na compreensão da importância da matemática financeira, onde 95% dos alunos responderam que ajudou muito e 5% relataram que ajudou parcialmente. Fechando com a quinta questão, na qual deveriam analisar se a atividade impactou na forma como percebem o uso do dinheiro; logo, 85% responderam que prestaram mais atenção nas decisões financeiras e 35% relataram que começaram a perceber a importância do planejamento financeiro. Portanto, percebe-se que o resultado teve um saldo positivo pois acharam a atividade interessante e útil.

Na perspectiva dos estudantes, o formato da dinâmica desenvolvida em sala de aula foi percebido como útil e relevante, com 75% dos alunos afirmando que a atividade favoreceu o entendimento do conteúdo. Houve um claro reconhecimento do tema, já que 95% dos estudantes relataram que a aula ajudou muito na compreensão do conteúdo. Na avaliação do trabalho docente, 85% dos alunos concluíram que a elucidação do conteúdo foi clara, paciente e tornou o conteúdo matemática mais fácil. Quanto ao impacto social da oficina, de forma unânime, todos os alunos relatam a importância de prestar mais atenção nas relações de consumo como a importância da educação financeira numa vida em sociedade.

A somatória dos resultados evidenciados mediante correção minuciosa das atividades dispostas em cada estação, somada ao *feedback* dos alunos a respeito da condução da oficina e aprendizados, forneceram uma base de dados essenciais para refletir sobre a melhoria contínua do processo de ensino e aprendizagem. Mediante estes resultados, observou-se que enquanto a oficina foi muito bem sucedida na motivação, engajamento e contextualização da educação financeira, a correção dos exercícios salienta que os alunos não tiveram dificuldades nos cálculos básicos de porcentagem e juros. Os erros ocorreram principalmente na falta de atenção na leitura integral dos desafios e na dificuldade em organizar dados matemáticos variados. Portanto, se faz necessário dar maior enfoque a competências de interpretação textual e organização lógica de problemas matemáticos que envolvam múltiplas informações.

Pela intervenção docente ocorrida mediante oficina, pode-se compreender que o ensino da Matemática Financeira supera uma mera formalidade curricular. Ela se estabelece como uma forma essencial de conhecimento para vida, capaz de integrar o aspecto



matemático à realidade econômica e social do estudante. Ao ofertar essas concepções matemáticas num formato mais próximo da realidade do aluno é possível incentivá-lo na tomada de decisões com maior responsabilidade financeira dentro de uma sociedade de consumo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nesta experiência de ensino, conclui-se que o desenvolvimento da oficina em formato de estações financeiras validou o uso de metodologias ativas como recurso engajador no ensino da matemática financeira. As estações, mostraram-se um recurso dinâmico, engajador e significativo, permitindo que os alunos compreendessem na prática conceitos como porcentagem, descontos, acréscimos e juros simples em um contexto real de tomada de decisões.

A análise dos resultados, obtida por meio de observações dos desafios propostos em cada estação, indicou uma compreensão satisfatória do conteúdo pela turma, reforçando que a simulação de cenários reais potencializa a aprendizagem. Apesar disso, os resultados dos desafios 3 e 4 evidenciam uma lacuna importante na organização de múltiplos dados, sugerindo a necessidade de maior foco pedagógico nesta competência, independente do conteúdo.

Para completar a análise, utilizou-se um questionário avaliativo, permitindo captar de forma anônima a percepção dos alunos sobre a oficina e as estratégias utilizadas. As respostas foram satisfatórias, confirmando a eficácia das estações financeiras como metodologia ativa. Ainda assim, o apontamento de um aluno sobre algumas dúvidas que persistiram ao longo da oficina, reforça a ideia de que o feedback é muito mais que um simples indicativo de satisfação, mas sim, é um meio que permite perceber lacunas na aprendizagem e pontos efetivos das práticas docentes. Observou-se também que os estudantes assimilaram com facilidade a ideia de que a matemática financeira é fundamental para a vida em sociedade. Expectativa essa que pode ser verificada mediante postura responsável, atenta e crítica dos estudantes diante das situações simuladas nas estações.

Do ponto de vista docente, a prática contribui para o desenvolvimento de competências importantes, como a capacidade de improvisação mediante imprevistos, gestão do tempo em sala de aula, observação crítica e adaptação crítica às necessidades da turma. As reflexões dos licenciandos destacam que a vivência concreta em sala de aula, aliada ao



compromisso e à paixão pela docência é determinante para o aprimoramento profissional e para construção de práticas docentes significativas.

Por fim, a experiência docente demonstra que inserir a educação financeira no currículo da educação básica, especialmente por meio de dinâmicas com as das estações financeiras, tornam o conteúdo próximo a realidade do aluno. Essa abordagem transforma a matemática financeira numa ferramenta de cidadania, capaz de preparar jovens para lidar com riscos, armadilhas e oportunidades do mundo real, tornando-os em indivíduos mais conscientes e responsáveis.

REFERÊNCIAS

BEGOSSO, Luiz Carlos; FIGUEIREDO, Gabriele Barrilli. Educação financeira – um jeito mais prático de aprender. **Revista INTELLECTO• Fema• Assis•** ISSN, v. 2596, p. 0806, 2020. Disponível em: <https://www.fema.edu.br/wp-content/uploads/2023/08/EDUCAC%CC%A7A%CC%83O_FINANCEIRA__UM_JEITO_MAIIS_PRA%CC%81TICO_DE_APRENDER.pdf>. Acesso em 02 de dez. 2025.

BORN, Barbara Barbosa; MORICONI, Gabriela Miranda e LOUZANO, Paula. Práticas formativas na formação inicial docente: o caso do consórcio de prática essencial. **EDUR-Educação em Revista** 2021, v. 37. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/edur/a/LVd77tc75bwwSQRTjwDts4K/?lang=pt>>. Acesso em 27 de nov. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 18 de jul. 2025.

DALTRO, Mônica Ramos; DE FARIA, Anna Amélia. Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 223–237, 2019. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/journal/4518/451859860013/451859860013.pdf>>. Acesso em: 27 de nov. 2025.

DE PAIVA, Rosicler Carminato Guedes; PEREIRA, Adriano Nunes; BORSAGLI, Janaina Carla Rodrigues. A importância do feedback como ferramenta do ensino e aprendizagem. **NATIVA-Revista de Ciências, Tecnologia e Inovação**, v. 1, n. 1, p. 89-93, 2021. Disponível em: <<https://jiparana.emnuvens.com.br/triacti/article/view/386>>. Acesso em: 25 de nov. 2025.

FERREIRA, Bárbara Thees. **Modelo de rotação por estações no ensino da matemática**: um estudo e um relato de experiência. Orientador: Humberto José Bortolossi. Monografia (Especialização em Matemática e Estatística, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Andrea-Thees/publication/362172220_Modelo_de_Rotacao_por_Estacoes_no_Ensino_da_Matematica/links/62da198e3c7d1903169f500c/Modelo-de-Rotacao-por-Estacoes-no-Ensino-da-Matematica.pdf>. Acesso em: 01 de dez. 2025.



GADOTTI, Ana Carolina; BAIER, Tânia. Educação financeira por meio de dados reais: atividades didáticas para a educação básica. *Revista de Educação, Ciências e Matemática*, [S. l.], v. 6, n. 3, 2017. Disponível em: <<https://publicacoes.unigranrio.edu.br/recm/article/view/4073>>. Acesso em: 21 out. 2025.

GUIMARÃES, Maria da Conceição Barbosa et al. A metodologia de rotação por estações: uma análise das possibilidades e desafios na prática pedagógica. **Revista Amor Mundi**, v. 4, n. 5, p. 101-106, 2023. Disponível em: <<https://pdfs.semanticscholar.org/d19b/670522c7bbe68dbc01601c4f8f04034bafc2.pdf>>. Acesso em: 01 de dez. 2025.

MARQUES, Humberto Rodrigues et al. Inovação no ensino: uma revisão sistemática das metodologias ativas de ensino-aprendizagem. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**, v. 26, p. 718-741, 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/aval/a/C9khps4n4BnGj6ZWkZvBk9z/?format=html&lang=pt>>. Acesso em: 02 de dez. 2025.

SILVA, Rodrigo Sychocki da; REINHEIMER, Morgana Aline. Educação financeira na escola básica: um experimento com modelagem matemática. **Revista Educar Mais**. Pelotas, RS, Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias na Educação (PPGCITED) do Campus Pelotas-Visconde da Graça (CaVG), Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense (IFSul). 2019. Vol. 3, n. 2 (2019), p. 246-255, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/educarmais/article/view/1535>>. Acesso em: 01 de dez. 2025.

XAVIER, Rosely Perez. O tempo no agir docente: algumas reflexões para a formação de professores de línguas. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 13, p. 1085-1106, 2013. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbla/a/tHw8ZfZT4fPRKGHqyWVBFPN/?lang=pt>>. Acesso em: 26 de nov. 2025.

